

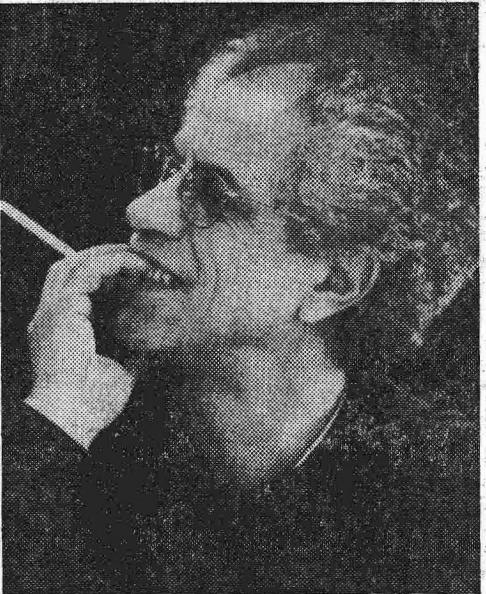
José Peixoto Filho

Professor com taxímetro não trabalha bem

Um dos argumentos mais usados para criticar a má qualidade da escola pública seria o de que ela é cara. Ora, qualquer programa social é caro. Os recursos públicos devem ser empregados em coisas públicas e o gerenciamento deles tem que ser público. A educação é cara, sim; mas por que não se indaga sobre os outros programas públicos, que também são caros? Jogar a responsabilidade da desqualificação da escola apenas nesta alegação é uma atitude cínica e cruel para com a sociedade. Não tem nenhuma sustentação. O professor, hoje, tem um taxímetro no peito que apita em Niterói, Caxias e Copacabana. É absolutamente impossível ser bom profissional desse jeito, por mais idealista que alguém possa ser.

Fora os Cieps, nós não temos registro, na história da Educação no país, de nenhum programa sistemático que se preocupasse com os jovens, incluindo horas noturnas e professores não voluntários, como sempre foram feitos os projetos de alfabetização no Brasil. O Supletivo nunca respondeu a esta carência dos jovens, expulsos do primário na rede pública e necessitados de escolarização para ingressar no mercado de trabalho.

A escola pública precisa pensar nestes que se costuma chamar de *evadidos* com projetos concre-



tos e objetivos, tratando-os, não como restos de infância ou futuros adultos, mas pensando conteúdos e horários convenientes. A escola noturna também tem que ser democrática, merece ser respeitada e qualificada da mesma forma que estamos pensando a outra. Não pode ser um apêndice. O diretor da instituição não pode continuar a esconder o giz.”

□ *José Peixoto Pereira Filho, 44, nasceu em Anicuns (GO) e atualmente faz doutorado em Educação na UFRJ, onde dá aulas no programa de alfabetização da Faculdade de Educação. Formado em Física, trabalhou no Movimento de Educação de Base e foi coordenador do programa de educação juvenil dos Cieps, que ajudou a fundar no governo Brizola.*